

Ressonância poética de Pessoa
(organização de Vilma Arêas)

MURILOGRAMA A FERNANDO PESSOA

- I 1 Regressando sempre do não-chegar,
 2 O gume irônico da palavra
 3 Pronto a estimular-te o sólito ócio
 4 De guarda-livros do Nada.
 5 Não dás o braço a. Dás-te o braço.
- II 1 Guardas o cansaço de quem palmilhou
 2 Quilômetros de palavras camufladas
 3 Em Ode adversativa: a ti adere
 4 Sob o látego dum céu que não consentes
 5 Onde se debruçam Parcas eruditas:
 6 E ainda a contrapelo atinge o cosmo.
- III 1 Exerces o fâscino
 2 De quem autocobaia se desmembra
 3 Afim de conhecer o homem no duro
 4 Da matéria escorchada.
 5 Ninguém alisa teu corpo e teu cabelo.
-
- IV 1 Sebastianista duma outrora gesta, dramaturgo
 2 Retalhas o não-acontecido que te oprime
 3 E determina o eterno contingente
 4 Na área do sem-povo, já que o povo
 5 Ao Fatum reduzido, desnavega.
- V 1 Por sono sustentado e aspirina,
 2 Sofista manténs a música que não tens
 3 Entre dez dedos dividida. Morse transmitindo o não do sim,
 4 Já isento em vida do serviço de viver. Anúmero.
-
- VI 1 Quanto a mim adverso ao Nada, teu ímã,
 2 Eis-me andando nas ruas do gerúndio.
 3 Ensaio o movimento, vôo portátil.
 4 Devolvo-te grato o que não me deste,
 5 Admiro-te por não dever te admirar,
 6 Na linha da atração reversível dos contrários
 7 Contrapassantes

Murilo Mendes

**REZA PARA AS QUATRO ALMAS DE
FERNANDO PESSOA**

Da belíssima “Ode à noite antiga”
resulta que eu entendo, limpo de esforço
e vaidade, se nos fosse possível:
da oração verdadeira nasce a força.
Ninguém se cansa de bondade e avencas.
Os rebanhos guardados guardam o homem.
Todos que estamos vivos morreremos.
Não é para entender que nós pensamos,
é para sermos perdoados.
Pai nosso, criador da noite, do sonho,
do meu poder sobre os bois,
eis-me, eis-me.

Adélia Prado

**Alma de Pessoa baixa
na Umbanda da Bahia**

novo Cordel nordestino
Vai além de seus sertões.

Veio de Portugal ibérico
Em caravelas-galeões.
Já contou o Malazartes
E mais Luiz de Camões.

Também já cantou Bocage
E estórias lusitanas.
Aqui, cantou Castro Alves,
Outras figuras baianas,
Nordestinas, hrasileiras
E até heróis sacanas.

Contudo, neste folheto,
Eu vou é mostrar um cara
Que nenhum dos meus colegas
Até então o cantara
Para o povão conhecer
Sua vida e seara.

É o Fernando Pessoa,
Maior poeta moderno
Antes de Carlos Drummond,
E que será sempre eterno.
Ele viveu perturbado
Porisso, está no inferno.

Franklin Maxado

Sonetilho do Falso Fernando Pessoa”

Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,
à deusa que se ri
deste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui,
mas não sou eu, nem isto.

C. Drummond de Andrade

**A RICARDO REIS NO MAR DA
GALILÉIA**

Só dizem os deuses o que logo esquecem,
mas o jogo do céu é amplo e reto,
e cada lance é um coração aberto:

nele não dorme o que se fez desperto,
o eterno é agora e em si mesmo morre,
nunca houve rumo e todo sempre é incerto.

- Não creio, e rezo.

Alberto da Costa e Silva

ဟာ

AVISO AOS NAVEGANTES

Não tenho heterônimos.
Descansem.
A unidade é um bem
e uma conquista.

À MANEIRA DO GUARDADOR

Minha mãe diz que sou sentimental
porque meu nariz é comprido.
Direi, porém, com Caeiro,
que o que há são duas coisas:
eu sou sentimental;
eu tenho o nariz comprido.

Maria Helena Nery Garcez

Os sonhos me perseguiram
eu não me pude ausentar
e quando bem me feriram
não os pude abandonar;
será que vida passando
não me consegue livrar?
será que sonhos pensando
me impedirei de sonhar?
há muito não percebia
no tempo sequer sentia
- peso das coisas pesar.
tudo que me quis guardar
partiu-se em vários pedaços
de sonhos e de cansaços.

M^ª Lúcia Alvim
in **XX Sonetos**

Hoje colhi vermelhas rosas
e as pus num jarro sobre a mesa,
ficando a mesa adornada.

De todas a mais amarela
colhi e pus nos meus cabelos,
e ganhei um ar de festa.

No entanto as flores mais viçosas
derramam cores sobre o campo,
tornando mais verde a relva,

e a natureza permanece
desadornada, limpa, ascética,
num verdadeiro jejum.

Marly de Oliveira, in **A Vida Natural**

“Psicografia”

Também eu saio à revelia
e procuro uma síntese nas demoras
cato obsessões com fria têmpera e digo
do coração: não soube e digo
da palavra: não digo (não posso ainda acreditar
na vida) e demito o verso como quem acena
e vivo como quem despede a raiva de ter visto

Ana Cristina César

O ÚLTIMO HETERÔNIMO

o poema é o autor do poeta

José Paulo Paes



Fernando Pessoa no tempo da "Athena"
(Fotografia de Vitoriano Braga)